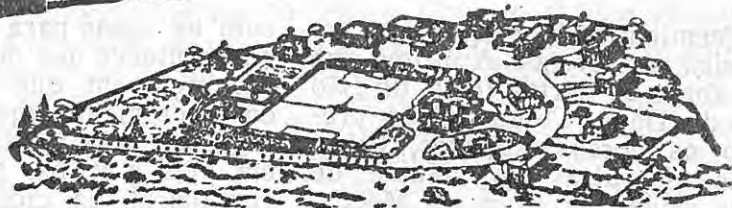




Visado pelo
Comissário de Censura

O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO XI • N.º 271 • PREÇO 1\$00

PATRIMÓNIO DOS POBRES

A todos aqueles párocos que estão à minha espera e aos quais havia prometido quantias adequadas à sua obra; a esses, digo, tenho mandado um cheirinho a cada um, pedindo-lhes ao mesmo tempo que não desanimem; que não se trata de uma falência e apenas tenhamos concluído o encargo de Miragaia, voltarei à presença de cada um. Todos eles compreendem e acreditam e esperam.

Na verdade, toda a obra realizada por mãos de homens, deve ser feita humanamente. Não se duvida por um instante que os habitantes do Porto me deixem sozinho; não se duvida. Mas eu tenho de estar prevenido e fazer as contas como se tal viesse a acontecer. Nós temos em Miragaia uma enorme responsabilidade de 800 contos. O crédito dos fornecedores de materiais, mete-nos medo e acrescenta aquela responsabilidade. Com efeito, o nosso mestre de obras, que jamais entrou no Porto, vai aos armazéns, pede tudo quanto precisa, informa do que se trata e no dia seguinte, manhã cedo, aparece tudo de tudo ao pé das casas que estão subindo. Grande responsabilidade! Aqui de onde escrevo, tenho os olhos postos nas cartas de meus colegas e Vicentinos, aos quais vou mandando como posso um coisito de dinheiro; e também para cada um vai o meu pensamento. Não desanimem, que eu torno. Eu torno breve.

São tantos e tantos com devoção de construir e fazem-no por maneiras tão simples e tão eficazes; tantos e tantos são eles desde S. Gregório a Faro, que se o Governo quisesse servir-se desta oportunidade séria e única, podia resolver um grave problema, enchendo de casinhas para pobres Portugal inteiro. Como? Dar-me cinco contos por cada casa erguida. Era nada e seria tudo. Em lugar de projectos antecipados, mostrava-se a casa feita e já ocupada. O fiscal tomava conta, iria ver o sítio de onde o pobre safu, dava a sua informação e pronto, tudo sumário. Tudo depressa. Tudo urgente porque grande a urgência.

Esta carta de algures, Baixo Alentejo, é igual a muitas que todos os dias recebemos dos mais recônditos sítios; e todas trazem a mesma devoção:

«Vivemos num cantinho do Alentejo, e, num meio, onde infelizmente, se nota a revolta do povo contra as suas péssimas condições de vida.

Há muito o nosso coração pulsa, no desejo de enfileirarmos na tão simpática e enternecedora obra de solidariedade humana «Património dos Pobres» e, assim poderemos

dar aos nossos irmãos ensejo de se sentirem de facto nossos irmãos em Jesus Cristo.

Rejubilamos por hoje lhe poderemos oferecer «planta de uma Moradia Vicentina» que pretendemos concluir num local amplo e arejado, bem próximo dum bairro de colmo, onde vivem várias famílias em péssimas condições humanas.

No entusiasmo, e boa vontade do nosso Reverendo Pároco devemos a iniciativa da Obra, e, alguns materiais já se encontram no local da construção.

Esta deve principiar depois das ceifas, quando mais se faz sentir a falta de trabalho.

Mas, desejávamos não construir uma moradia, mas tantas quantas, as necessárias para eliminar o Bairro. Mas, como?

Se aqui se vive tão herméticamente fechado dentro de si mesmo, sem olhos para se ver, sem coração para se sentir o bem que se podia fazer aos nossos Irmãos!»

Ora aquele Bairro de colmo podia e devia ser num instante substituído por um de moradias decentes. Aquele e muitos outros. Tábuas de caixotes, latas velhas, serapilheira, rama de pinheiro, palha dos campos e até nada! Estive há dias em Esposende. Estão casas a subir graças ao pároco e vicentinos. Não falta ali terreno para mais delas. Ninguém me pergunte como e aonde vivem os pobres daquela terra! Por toda a parte uma só palavra, um só desejo, uma grande inquietação. Qual? Casas para pobres. Mais casas tantas quantas forem precisas e é tão fácil! Com uma dúzia de contos do fundo do Património, tem havido sítios aonde o amor ao Pobre faz

(Continua na 4.ª página)



Atenção ao Xaixai; Vila João Belo como ora se diz. Com suas mulheres temos aqui um agricultor, Júlio Coelho, um alfaiate, José Carvalho e um cozinheiro, Luiz António. Todos são empregados do Senhor J. J. da Cruz. Estamos à espera de mais cartas de chamada para trabalhadores do campo.

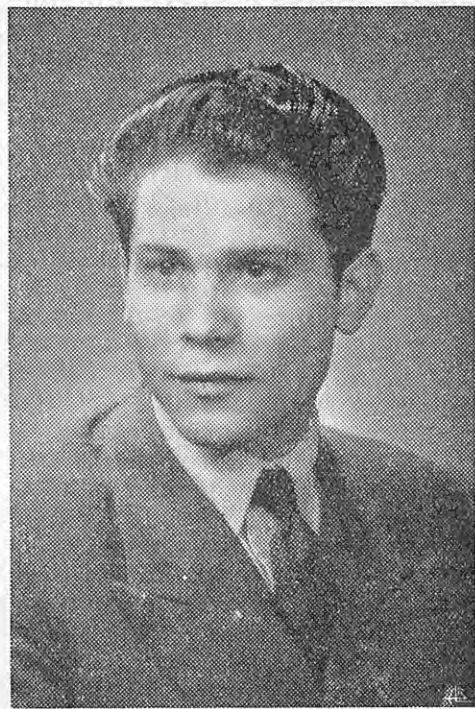
MAIS ÁFRICA

O Pacote *Império* da Colonial, entre muitos, leva mais um. Um colono, como nós chamamos ao rapaz que vai com passagem paga pelo Ministério do Ultramar. É o Adriano Castanheira, que veio em pequenino para a Casa de Miranda, aonde fez a quarta classe. Dali transitou para o Lar do Porto, tendo sido um empregado honesto da Camisaria Confiança. Aprendeu a resolver por si mesmo os seus problemas. Conheceu os homens. Comeu pão amargo. Soube esperar. Neste meio tempo recebemos carta de chamada do Lobito na qual nos era pedido um rapaz a quem se possa entregar a chave da casa. Achei no pedido um sabor a antigo; uma evocação de qualidades preciosas. Cumprimente o Senhor Albano Coelho e disse que lhe havia de dar notícias em breve do rapaz que ele queria.

Adriano Castanheira deixou o seu emprego e esteve aqui durante uns três meses mais o Júlio, a tomar luzes de contabilidade e correspondência comercial. Durante este período trocou cartas com o seu futuro Patrão. Já se conhecem. Espera-se que ele cumpra e que seja naquela terra o homem a quem se pode entregar uma chave.

Também damos aqui notícia e publicamos, até, retrato de 3 dos nossos do Xai-Xai com suas mulheres ao lado. Além das cartas, também as caras dizem da sua plena felicidade. Aqui não ganhavam para comer e mais todos trabalhavam. Ali, sobra-lhes. Estão em África. A mesma língua. A mesma bandeira. Costumes lá como cá. Aonde a diferença? Na organização social. Mais nada. Mesmo que um ou outro dos nossos tenha ou venha a experimentar suas dificuldades a princípio, ca-

da um tem suficiente formação para esperar por melhores dias. Conhece que a terra promete e não desanima. Assim aconteceu com o António Leitão, que foi o ano passado para o Lobito



Mais um que vai começar vida, para assim tornar mais nosso o que é nosso. É o Adriano Castanheira da Casa do Gaiato.

servir nas obras do porto. O ordenado tem cobrido, mas não excede as despesas. O rapaz poupa, faz milagres, sabe rezar, espera. Daqui a dias vai seguir sua mulher e um filho. Isto representa um grande acto de fé. É a sua formação interior e as oportunidades que o rapaz tem naturalmente observado.

Na África Central não existe o estagnado. Quer nossa, quer dos Belgas, Franceses ou Ingleses, ali é tudo pujança. Há lugar para todas as cores e credos.

Calhou-me desembarcar no aeroporto de Lisboa minutos antes da chegada do Senhor Presidente da República. Muita gente. Linhas e formações. Homens de terra e mar. Bandeiras. Uniformes. Um mundo. Depois os carros supremos, com sinais adequados a mostrar quem vinha dentro. Parava um instante dando lugar a outro e mais outro. Era uma bicha interminável de altas patentes. Eu estava a um canto sozinho. Dei-me largas. Era ali a Nação. Aquela hora da Pátria vinha tocada das nossas possessões d'Além. O Chefe da Nação trazia ainda a marca. Vinha ainda quente... Cheirava. As vozes de Angola eram idênticas às da Portela. Dei-me largas, sim e fui num instante até junto dos nossos, melhor diria, dos meus. A África! Não há leis. Não há decretos. Não há medidas que a possam segurar. Nada. Quem



Aqui, LISBOA!



UMA CARTA

Terminaram por agora os peditórios nas igrejas. A última que nos abriu as portas foi a de São João de Deus. Como tinham previsto os nossos Rapazes, bateu todas as outras no volume de notas saídas da Casa da Moeda. Dezoito contos a passar. Talvez tenha concorrido para isto a categoria dos pregadores. De tarde foi o Senhor Padre Américo, de manhã foi um varredor de ruas — o Samaritano. O Evangelho repetiu-se. Todos se recordam daquele incurável da Curreleira, de como desapareceu o seu abrigo numa noite de chuva, do alarme das Irmãzinhas de Jesus, do alvoroço colectivo naquele reino de tocas. Mas ficou o melhor por contar. Era preciso uma solução, mas ninguém atinava com ela. Foi um homem do lixo, habituado a limpar o que os outros fazem, que veio tirar da rua o proscrito. Foi ele que fez estremecer a Praça de Londres! O lixeiro tem a sua barraca encostada à das Irmãzinhas. A cabeceira em que repousa, depois dum dia de trabalho, está separada do Sacário que sustenta e anima as pobres operárias, apenas por umas tábuas de fôrro. Ganha 19\$50 por dia, com que se sustenta ele, esposa e seis filhos menores!!! A mais velha tem dezasseis anos. O espaço reduzido em extensão, é aproveitado em altura. Três filhos dormem numa prateleira, em baixo, outros três noutra prateleira, em cima.

Foi a mãe que me contou tudo: *eu tive do daqueles infelizes e recolhi-os na minha casa*. Reolher — é palavra do Juízo Final. No coração daquela mulher e do seu marido couberam, como na sua barraca, além dos seus numerosos filhos, mais um tuberculoso e sua mãe! *O heroísmo!* Quem há aí que se tenha na conta de valer alguma coisa diante deste varredor de ruas? Por mim não me sinto digno de limpar-lhe sequer os sapatos. Não admira que os ouvintes chorem ao ouvir contar; que fariam se vissem, com os próprios olhos, todo o cenário desta tragédia!

O doente tem 22 anos, pesa 35 quilos. Não se segura de pé. Não quer ir para um sanatório *para morrer ao pé da mãe*, ainda que seja na rua... Entretanto o barredo lá os tem até que surja a solução definitiva que já foi pedida e prometida.

Por aqui apertamos com os empreiteiros para que andem

(MAIS ÁFRICA—Continuação da 1.ª página)

quiser ser de África tem necessariamente de acompanhar o ritmo das forças da Natureza.

Tudo isto me invadia. Aquela presença não era fausto; era a Nação. Nós temos oito séculos. Não fui chamado, sim, mas sentia-me ali grande e bem. Nisto, noto as mãos fortes de um homem fardado: *quem é o senhor?* O avião presidencial tinha pousado. Outros, muitos, roncavam ao longe. Era o auge. Pedi que me deixasse no meu cantinho mais um nadinha. Estive quase tentado a dar-me por jornalista, tal o desejo de ver o fim, mas acanhei-me. Não disse nada. O homem da farda fez-me desandar e eu desandei. Não vi o melhor.

com as casas para a frente, não vá acontecer aos nossos pobres a desgraça em que estão a cair constantemente aqueles que, perseguidos pela penúria na província, vêm a acabar na miséria das curreleiras da cidade. O mesmo repetimos a quantos por esse Portugal fora trabalham para os pobres.

Os donativos vão afluindo. «Junto envio 500\$00 como primeira prestação para a «Casa Avilês». Espero que mais Avilêses se juntem a mim pois os há no Brasil, no Alentejo, em Cascais, em Lisboa e também «amigos de — Amigos de Avilêses». De Coimbra um vagão de mosaico, 4.ª prestação de 300 de Uma viúva; 200 de Benguela; 20 duma promessa; 193 dos Produtos Lácteos; 250 em vale dum Leão de Lisboa; dez mil depositados no Banco *para ajuda duma casinha*, por uma viúva, do produto da venda de livros com que o Marido ganhou a vida; 50 das Caldas, para os pobres da Conferência dos nossos Rapazes. Bom é que haja quem os vá estimulando! 20 duma devota de Santa Filomena; 2.000 dum Casal Feliz que chegou à 3.ª prestação; mais 100 para as Conferências, em Fátima; 100 em S. Sebastião da Pedreira; 100 duma noiva feliz; 100 dum Casal de Arroios; 50 e azeite e mercearia e roupas e passeios e dedicação inexcusável aos Rapazes do Lar. De Mafra 40; 100 de Lisboa com piedosos votos que transmitimos ao seu destino; 1.225 e 1.050 dos valorosos Empregados da Vacuum que brevemente nos vão mandar mais 30 para duas casas. O que isto não representa de incansável persistência da parte de quem meteu ombros a esta laboriosa iniciativa! 200 em A. G. a Santo António; 1.000 dum neosacerdote. Muito há-de receber quem começa por tanto distribuir! 200 duma mãe de onze filhos. Que mães!

Uma grande consoladela de fogo de artifício, no dia de S. Pedro, para todos os gaiatos, oferta da fábrica vizinha «Francisco Fernandes de Oliveira». 100 duma dactilógrafa, do M. das Finanças, em acção de graças por ter uma casa onde se abrigar; 150 dos Empregados do Crédito Predial; 10 de Coimbra; muitos visitantes a desobrigarem-se, de Luanda, de Benguela, do Congo Belga, do Brasil, do Porto etc. Mais a contínua corrida ao Montepio onde está a juntar-se a «Casa de Santa Filomena» com pedras de 500 e o Ministério da Economia com 420\$50 (Os Ministérios a entrar na procissão...!) e numerosos anónimos que acrescentam diariamente a lista sempre patente na Secretaria.

Bom seria que se munissem dessas listas rubricadas pela Gerência do Montepio aqueles que tomam a iniciativa de recolher entre os seus amigos algum donativo para a Obra, não vá acontecer que alguém seja explorado por aventureiros, como acabamos de ser prevenidos, que se armam em enviados do Padre Américo para socorrer os pobres da Curreleira. Isso é caso de Polícia. Cautela!

Já tenho alguns envelopes para entregar ao varredor e roupa para

«Aproveito, e roubo-lhe um pouco mais de tempo. Eu sou aluno do Instituto Superior Técnico, se-rei finalista para o próximo ano se Deus quiser. O magnífico jornal tem-me ajudado, sabe Deus quanto na vida de estudo e de apostolado, pois pertence a J. U. C. É rara a vez que ao ler o jornal não chore copiosamente. Não interessa porquê, eu não sei. Deus sabe.

Para o ano, com o tempo um pouco mais livre quero ver se faço qualquer coisa, ou melhor se consigo pôr-me disponível o suficiente para Deus fazer por mim o que penso: lançar uma fagulha na Universidade.

Ao ver as possibilidades que os finalistas do Técnico têm envergonhar-me-ei se não conseguir fazer nada, se Deus quiser que eu faça.

Não lhe digo bem o que penso, depois ver-se-á, se Deus Nosso Senhor quiser. Agora só me resta uma coisa: rezar para ganhar forças... e depois fica tudo feito.

Adeus Padre irmão em Nosso Senhor Jesus Cristo, receba um afectuoso abraço de quem lhe pede a benção».

Eu não sei se os meus queridos leitores são capazes de ver

nesta carta o Lume do Céu. Creio que sim pois se ele causa tanta luz nas regras deste estudante! Como tudo é diferente no dizer e no agir das almas conduzidas pelo próprio Deus! O estudante em questão esconde-se na sua própria carta. Ele quer que Deus faça por ele o que ele pensa; declara que vai rezar e *depois fica tudo feito*. A carta é de Lisboa.

Aqui há tempos eu estava em certa rua à espera do eléctrico. Ao pé de mim pára um automóvel e de dentro sai um jovem. Era ele o guiador e parece que dono também. Pergunta-me aonde quero ir. Eu respondo que é ali perto. O rapaz pede, insiste, abre a porta do seu automóvel. Uma vez os dois juntos, ele perde a noção do tempo e das distâncias. Demos voltas a ruas, praças e jardins. Foi uma explosão! Era o Evangelho! Pergunto e soube que ele é estudante. Será ele o autor desta carta? Será um tocado pelo autor desta carta? Não sei. Não pergunto. Eu não quero saber nada.

Quem são hoje os professores do Instituto Superior Técnico de Lisboa? Entre muitas de seu, mais esta glória lhes é dada; ter nas suas turmas e diante dos seus olhos mestres desta natureza!

Do que nós necessitamos

Em primeiro lugar, acusamos o recibo de tudo quanto se deixa no Espelho da Moda e no Lar do Porto. Estamos fartos de dizer e tornamos a repetir: tudo quanto sai das vossas mãos com destino às Casas do Gaiato, não importa que tempos nem que voltas, acaba por vir cá ter. Nada se extravía. Não há memória. Da Beira veio uma grossa de escovas de dentes e uma encomenda de roupas usadas, tudo da *Caravela*. Tão pertinho que parece ali fora da porta e quem se puser a caminho, tem que andar doze mil quilómetros antes que lá chegue. Da mesma terra, o costumado cheque de Mário Pinho, fruto de uma subscrição que por lá anda; o amor não enfada. Mais do Congo Belga um de 441\$60. Um grupo de residentes em Leopoldville. Escusado será dizer que se trata de portugueses. Isto de internacionalismos é uma linda teoria, mas no trato não é assim. Cada um puxa a braza para a sua sardinha. Os Belgas mandam para a Bélgica. Portugueses para Portugal e assim por diante. Mais roupas da América do Norte. Muita gente que não pode ir à festa no Coliseu, tem mandado as entradas. Mais 100\$00 da Póvoa de Manique do Independente. Mais 50\$00. Mais 20\$00 do Porto. Mais 50\$00 idem. Mais 1.000\$00 da Fernada. Mais 100\$00 da *vizinha do Marão*. Mais duas alianças no Espelho da Moda. Mais de Ponta Delgada o Humberto. Mais esta carta de Lisboa:

«Acabo de ler o vosso último jornalzinho e fiquei com tanta pena do operário que gostava de o

a anã, mas há mais varredores e anões em necessidade!

Padre Adriano

ler e não pode, que passei a mandar um vale com 25\$00 para pagamento de um ano de assinatura para fazerem o favor de lho enviar. Para o ano se Deus quiser mandarei novamente e assim já essa pessoa poderá ler o jornal, que eu por mim sei o bem que faz à nossa alma. Desde que o leio é que sei avaliar o bem que Deus me tem dado e que eu não merecia. Sou uma grande Pecadora».

O Avelino mandou imediatamente um vale de Correio ao Senhor António Dias da Silva.

Mais do Abel Pereira, ausente no Brasil, 2.260\$00. Mais 20\$00 de Tondela. Mais 100\$00 do hotel Polana. Mais 300\$00 de Lisboa. Mais 50\$00 de Sernache do Bonjardim. Um nosso amigo dos Diamantes de Angola, pediu-nos 50 *Ovos* e anda por lá a vender eles a cem angolares cada um! Ó preço!

Mais esta cartinha de Nova Yorque.

«Trabalhei sempre como digo, e hoje que o não posso fazer recebo do Governo, que me foi descontando enquanto trabalhava, o suficiente para viver embora modestamente. Tenho a minha casinha acolhedora, embora pobre, o meu aquecimento de Inverno e o mais para viver».

E dentro dela um cheque. Mais 200\$00 de Fundada. Mais 20\$00 de Avelar. Mais outro tanto de uma criada de servir. Mais 50\$00 do Porto. Outro tanto de Tomar. Cento e cinco angolares de Ganda. Roupas de S. Gabriel—Beira Baixa. Mais 500\$00 do Porto *por alma do meu querido filho*. Mais outro tanto de Lisboa *para um pobre tuberculoso abandonado da ciência médica*.

ISTO É A CASA DO GAIATO NOTA DA QUINZENA

*** Não posso dizer se foi a mesma galinha, mas no mesmo sítio sim. Na casa 3, debaixo do quarto do Avelino, apareceu uma ninhada de pintainhos. Ele é que deu fé. Passou palavra. *Manel do Embrulho* apresenta-se imediatamente; tinha sido ele o herói do ano passado. Mas agora tem mais corpo e não coube na gateira. Sendo que é um moço resolvido, vai buscar uma cana, mas os mais não deixam. *Olha que matas os pintainhos.* E foi o *Loirinho*. Primeiramente a cabeça, depois o tronco, por fim os pés. Eram sete e a mãe oito. Oito bicos que ora enriquecem o panorama da nossa aldeia, porque à vista de toda a gente.

*** Também temos uma pata a chocar atrás da casa 2. O segredo por enquanto anda na posse de dois. Se não for mais além, é possível que a pata venha a tirar de dentro dos ovos o que lá houver, mas se muitos vierem a saber, as esperanças são poucas. Depois se dirá.

*** Neste momento reina grande ansia na aldeia, por causa de uma vaca que já foi apartada das mais e se encontra em vésperas de dar à luz. Os do campo é que espalharam a notícia. Não faltam curiosos mas eles não deixam.

*** *Tomar e Faisca* têm andado ocupados com a extracção do mel e estamos agora aqui no reino da doçura. É muito difícil levá-los a cumprir o que se determinou; que só poderiam trabalhar no mel fora das horas do escritório. Se porventura os senhores derem por falta do jornal a tempo ou qualquer outro erro da expedição, não levem a mal. É o mel.

*** Só agora venho aqui dizer, que vendemos o jornal regularmente na vila de Amarante. É o *Tomar* que tem ido na companhia do Jaime e agora, que este já sabe dar as voltas, vai passar a ir sozinho. Ele é pedreiro nos dias de semana, mas nada impede que ele venda ao domingo. São dois irmãos que nós cá temos, aos quais demos este ofício e esperá-se que por ele venham a ganhar o pão, quando chegar a hora de largar o ninho. A venda ali tem sido fácil, interessante e rendosa.

Mais « saridon »

Não cuidava que tivesse de vir por mais, mas é preciso mais. A senhora Teresa consumiu as últimas remessas! Vai fazer cinco anos em Agosto, que ela caiu no leito.

Chama-se-lhe, por ignorância, um mal sem cura. Demos que assim o seja, mas a verdade, toda a verdade, é que a Doente é hoje o mais forte amparo da Casa do Gaiato. Por isso lá vai o *Passarinho* duas vezes ao dia e de vez em quando, uma das senhoras; e eu agora aqui a pedir *Saridon*.

Esta doutrina anda esquecida. O Mundo ateísta em ver no pobre um indesejável e tudo faz para se libertar do fardo.

Até do mesmo sangue!

Os irmãos Vanzeller dão de comer. O senhor abade anuncia na igreja. A assistência escuta. Boa gente. Boa leitura. Bons vendedores. *Lxito*.

A vila de Amarante tem algo de evocativo. Não sei se a história, se a situação, se o Tâmega, se o convento, se quê; a verdade é que Amarante prende, envolve, faz-nos parar. Actualmente existe ali mais um ponto de beleza; beleza moral que é de todas a mais alta. É o zelo. É devoção de meia dúzia dos seus habitantes decididos e apostados em erguer casas para pobres. Aos de Amarante que moram longe da sua terra e aonde esta notícia chega, esses que se determinem e façam suas remessas ao abade de Amarante.

*** Agora vem o momento de luto; o *Manel do Embrulho* fugiu. Arrastou com ele o *Formiga*, que de novo se encotra na outra obrigação das capoeiras. O outro não. Ficou por lá e não se espera que ele regresse. Estas fugas, são quase sempre uma exuberância de imaginação. O rapaz imagina muitas coisas, levanta muitos castelos e acha-se bem dentro deles; e como não tem o domínio de si nem consente que outros o façam, prefere o mundo e no mundo se perde. O *Manel do Embrulho* fugiu.

*** O meu refeiteiro enquanto me chama para a mesa, vem muito pertinho de mim e diz-me em segredo: *traga um hóspede que hoje tem uma coisa muito boa.* Sem saber o que seria aquela coisa e muito boa, eu vi e senti no segredo do refeiteiro um mundo de doçuras. Sem dar por ela, esta criança dos caminhos mostra e traduz as possibilidades do infinito. Não quer que eu coma sozinho uma coisa muito boa. Não pede para comer dessa coisa. Ele não quer nada para si. *Traga outro.* Podia-me ter dito isto em alta voz, mas não. Não fez assim. Tem medo que a voz e a distância deixem cair no chão a doçura do seu amor, por isso coloca os seus lábios, porcos nos meus ouvidos: *traga outro.* E ele? O amor foi sempre o grande esquecido. Esquecido de si mesmo. O amor só pensa nos mais. Cristo Jesus faz e ensina-nos assim. O meu pequenino refeiteiro aprendeu a lição: *traga outro.*

Desço ao refeitório sem perguntar o que é a tal coisa. Chego à beira da mesa. Cheiro. Descubro. Era tudo como ele dizia. Tão bom e tão apetitoso, que em vez de um chamei dois. Dois hóspedes e o refeiteiro também. E para que os meus leitores não fiquem aguçados e suspensos, eu vou dizer o que era. Vou dizer. Uma lampreia de conserva.

*** Cheguei ao Lar do Porto e *Pombinha* foi o primeiro: *já sei de quem sou.* Os assuntos do nosso jornal são do mais escaldante que existe. Cada palavra representa uma brasa. Tínhamos dito no número anterior da sorte do *Pombinha* e logo aparece no Lar uma sua prima a dar conta. O «órfão» tinha e mostrou um retrato de sua mãe: *anda a servir em Lisboa.* Disse-me do pai. Disse-me dos tios. E quando eu lhe disse que se teria de preparar e ir para os seus, *Pombinha* põe no chão seus olhos pretos e embaciados. Falou! *Pombinha* disse. Nada como as lágrimas, para dizer.

Se por equinócio se compreende um transbordar, eu tenho a dizer que nunca tanto como agora a minha vida é equinócio. Este ano de 1954 tem sido um jubileu! Ele a presença de um novo sacerdote, *enviado* para a Obra com o nome de *padre da rua*. Ele a regência de uma das nossas escolas por um rapaz criado na Obra. Ele a doação de uma quinta capaz de dar de comer a duzentas bocas e para cúmulo, situada a uns paços de Sousa! E agora vem a notícia da nossa primeira reunião dos quatro. Foi no Tojal. Era noite. Invocamos o Espírito Santo e cada um toma o seu lugar. Eu abro. É a mim que compete. Quer queira quer não, tenho de ser até ao fim o *homem das dores*. Ninguém pode renunciar às nascidas do coração; a Obra da Rua foi uma nascida. Começamos por marcar a posição dos padrões, pois que agora há mais um. Conversamos a este respeito. Há uma pequena pausa. Padre Adriano e Pa-

dre Horácio estavam perto de mim. Aquele foi o primeiro a tomar a palavra: *mande-me que eu não estou preso a nada.* Por outras palavras o Padre Horácio faz-me idêntica oferta. Escutei os dois em silêncio. Tornei a escutar. Mais uma vez escutei. Aquele ouvir era doçura. A palavra serve para transmitir e traduz ideias, mas os sentimentos não. A Dor e a Alegria, sofrem-se.

Padre Adriano é um homem a caminho dos quarenta que tem a sua vida ligada à Casa do Tojal. Tudo quanto ali está feito saiu-lhe das mãos e tem muito mais para fazer segundo os planos que na maré examinei. Obra de um apaixonado. Matéria apaixonante. Em regra, o homem que está posto num lugar assim, prende-se a ele e cuida que faz falta. Dito de Padre Adriano, sítio de Padre Horácio e contudo ambos me disseram o mesmo. Os Despojados! Nem barca, nem redes, nem alforje, nem nada! Bendito seja o Senhor Deus de Israel!



TRIBUNA DE COIMBRA

Foi no dia 27 de Junho a entrega das quatro primeiras casas do «Património do Pobres» na cidade de Coimbra. Esteve presente e fez a entrega delas o Senhor Arcebispo. Estiveram as autoridades. Embrulhado na sua capa e escondido na multidão estava também o Senhor Padre Américo. Não podia faltar. Foi em Coimbra que a Obra nasceu, embora Coimbra seja um pouco fria.

Dois das casas são na Lomba da Arregaça, o terreno deu-o uma família; uma Senhora, alma de fogo, corre e bate e insiste e consegue o necessário para a construção; um Senhor, Mestre de Obras dedica-se e empurra. Tudo grande e tudo belo!

As outras duas são no alto da Conchada, onde contamos brevemente entregar outras tantas. Ficou uma delas aos cuidados dos vicentinos do Liceu D. João III e a outra aos dos vicentinos do nosso Lar. Tudo bem e tudo importante, mas mais importantes as famílias ocupantes.

Na primeira são três senhoras idosas e doentes que já viveram na abundância, mas a doença e a sorte conduziu-as à pobreza e o abandono quereria arrastá-las à miséria. Agora têm a sua casa com quartos e sala e capoeiras. Têm amparo.

Na segunda vive uma viúva já idosa, muito doente, e com muitos filhinhos que vivia num vão. Parecia outra nesse dia!

A terceira é ocupada por outra viúva com quatro filhinhos. Nesse dia estava ela muito mal; é um cancro. Tinha sido posta fora de casa por não pagar a renda. *A lei é inflexível*, como disse um aluno do Liceu. Uma vez na rua abrigou-se com os seus pequeninos numa capoeira que já fora de coelhos e que agora nem para isso servia. Sou testemunha. Foi assim que alguns alunos do sétimo ano do Liceu e eu a fomos encontrar. Tinha a sopa no fogareiro ao ar livre. Quando lhe demos a notícia ergueu as mãos e assim ficou, não sei quanto tempo.

Da outra tomou posse uma viúva também com o seu rancho de filhos e que até agora tem vivido num enxurro. *Embora fulano (eu) me dissesse que não, eu nunca perdi a esperança. Deus havia de ter dó dos meus filhinhos e de mim.* Confiou no Pai do Céu e Ele ouviu e atendeu e ela hoje tem uma casa. *Felizes os que esperam no Senhor, que não são confundidos!*

Todas as casas ficaram providas de mantimentos para um mês. E passado este, mais hão-de vir.

Padre Horácio

Notícias da Conferência

da Nossa Aldeia

José Santos, do Hospital Rovisco Pais, 20\$00 duma promessa. Em cumprimento doutra, 100\$00 de Isaura Gomes de Castro. De Vilar de Mouros, 50\$00. *Tendo achado uma pequena bolsa com 23\$20, há já um mês, e não tendo conseguido encontrar o dono dela, resolvi enviar essa mesma importância para os vossos pobres. A minha consciência fica assim tranquila e, afinal, aquele que julgava o seu dinheiro perdido, só ganhou. Nosso Senhor lho entregará um dia multiplicado, conforme a sua promessa. Uma professora. É de Alcobaça. A seguir, outra professora, e esta de Envendos, com 20\$00. Lúcia Garrilho, do Porto, 50\$00 e mais 50\$00. Armando Baptista Cotrim, 30\$00. *Como a Conferência está em penúria, vão 50\$00 para tapar um furo; são de Abel Moreira Barbosa, dos afamados viveiros de Castromil. Para as despesas da Conferência de S. Vicente de Paulo de Paço de Sousa, envio junto 150 escudos. Assinante 1.251. E para terminar, uma simples carta com 50\$00, duma Viúva de Santarém, que pede uma prece pela alma de seu marido. E ficamos por aqui. A todos muito e muito obrigado e até de hoje a quinze dias se Deus quiser.**

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA Durante as últimas semanas têm afluído à nossa aldeia grande número de excursionistas que de todos os lados cá vêm ter, apesar de Paço de Sousa não estar no mapa. Continuam a vir até nós escolas primárias, liceus e grupos excursionistas, dos quais destacamos: «Nós vamos e as más línguas ficam». Ficamos muito agradecidos a todos e esperamos que quando tiverem uma nova oportunidade nos visitem outra vez, pois isto está a crescer muito e em vez de ser a «nossa aldeia», tem de passar a cidade...

— O Joaquim Bonifácio (Tomar I) e o Faísca são os que tomam conta das abelhas, pois assim o quiseram pedindo ao Pai Américo. Não foram nada tolos em meter ombros a esta empreitada, pois foi mesmo na altura de se tirar o mel... Eles só se saíram mal no que respeita à divisão do mel, pois julgavam que era só para eles, mas tiveram que dar para as senhoras guardarem para quando o que for preciso.

— O Pai Américo nestas noites calmosas de verão, para descansar mais à vontade (e bem merece) tem ficado na casa do bairro, feita de propósito para estas coisas. Não foi feliz e sabem os amigos porquê? Porque uma cadela foi ter os filhos nas gateiras, fazendo por isso grande barulho e não deixam o Pai Américo pregar olho. Já é ter azar não é? Oxalá que isto se componha o mais depressa possível, pois daí vêm prejuízos para nós e para os nossos leitores, pois não terão o «melhor do mundo» em suas casas a horas... «Não há mal que sempre dure»...

— Temos comido às refeições ameixas da nossa quinta que são uma delícia. Estão ainda muitas ameixas carregadas e esperamos que ninguém lhe passe a luva, senão limitamo-nos a fazer crescer água na boca. Isso não deve voltar a acontecer porque a lição chegou para todos.

— O nosso Caetano continua doente no hospital, mas esperamos que venha a melhorar, para bem seu e alegria nossa. Aceita Caetano, com resignação, esse dom que é o sofrimento, que te foi dado por quem te recompensará. Lembra-te também que nenhuma batalha se vence sem se ter lutado. Sempre assim foi, é e será, por todos os séculos além.

— O nosso grupo de futebol, no passado dia 4 realizou no nosso campo um desafio amigável com o grupo de Miragaia, Porto, ao qual estávamos vencendo por 2-0 haviam apenas 20 minutos de jogo. Como estavam perdendo e o nosso domínio mais se intensificava, resolveram abandonar o campo para não ir uma conta muito pesada...

— Mais Manel do Embrulho. Agora resolveu fugir. Já fugiu com esta, uma dezena de vezes sózinho e agora resolveu desafiar o Formiga. Chegando que foi à sua terra natal, que é Vila Nova de Gaia escorraçou o pobre do Formiga e este resolveu regressar de novo à base... Não tarda muito que o Manel do Embrulho também cá apareça, pois lá fora tem de dormir aonde calha e a sineta não toca três vezes ao dia.

— Partiu para Lobito África Portuguesa, o nosso íntimo amigo e nosso irmão Adriano Nunes Castanheira, que se foi empregar numa importante firma comercial. Desejamos que tenha muitas felicidades e que não desanime perante as dificuldades que sempre se deparam principalmente ao princípio a todos os emigrantes. «A vida sem espinhos é como uma roseira sem rosas».

Daniel Borges da Silva

LAR DO PORTO Anda-se cá em casa a fazer algumas obras visto a casa necessitar delas. Em algumas partes chegaram mesmo a cair vários bocados de estuque, o que poderiam atingir alguns dos nossos rapazes e magoá-los seriamente.

— No dia 26 e 27 do mês passado realizaram-se aqui no Porto as corridas automobilísticas, que se realizam todos os anos na Capital Nortenha. Antes fomos juntos dos directores do Automóvel Clube de Portugal apelar para ver se arranjavamos algumas entradas gratuitas, o que estes senhores directores amavelmente nos atenderam dando-nos 15 para sábado e 15 para domingo. Assim tivemos o ensejo de ver em pistas portuguesas o campeão do mundo e outros grandes ases do automóvel, o que muito contentes ficamos. Um muito obrigado a estes nossos amigos e esperamos que para o ano que vem se nos podem dar novamente entrada.

— Já alguns dos nossos amigos responderam ao meu pedido de relógios velhos; recebemos dumha senhora nossa amiga um despertador que já várias vezes consultou relojoeiros e estes disseram que não tinha conserto. Mas o que é certo é que o José Joaquim consertou-o ante o espanto daquela senhora quando lho mostraram. Recebeu algumas peças dum senhor amigo mas não tem onde as empregar. Esperamos novos relógios para ele poder continuar a aperfeiçoar a arte.

— No dia 27 do mês passado fomos até ao estádio do Lima onde fizemos um desafio com os juniores do Académico; perdemos por 4-1 porque não estamos habituados a jogar na relva e além disso o campo estava impraticável, quer dizer a relva estava molhada e nós andávamos quase sempre a beijar a relva, à vista de que os nossos adversários, mais práticos, faziam o seu jogo mais à vontade. Um muito obrigado ao senhor Teles do Académico, porque foi ele que arranjou este

PELAS CASAS DO GAIATO

desafio, e pôs-nos o campo à nossa disposição, obrigado por esta maçada.

Recebemos uma pipa de vinho por intermédio do Farrapeiro de S. Vicente de Paulo. 50500 e mais 80500 de dois anónimos para a nossa conferência que continua ainda um bocado esquecida. Amigos leitores nós queremos dar todas as semanas o cartão aos nossos irmãos pobres, e sem a vossa ajuda não podemos, vamos pois pensar nos nossos irmãos infelizes que não podem ganhar o seu salário, e que só vivem das nossas esmolas se alguma vez lhe falta a dita o que há-de ser deles. Com um bocadinho de sacrifício vamos lá ver se continuamos a fazer algumas das Obras de Misericórdia: dar de comer a quem tem fome, vestir os nus, consolar os tristes, e outras mais. Portanto depende da boa vontade dos nossos amigos. Deus pagará depois estas esmolas aos amigos leitores.

João de Buarcos

TOJAL No dia 29 do mês passado, que era dia de S. Pedro tivemos uma noite muito divertida. Eram 9 horas estavam todos em linha, para receberem as bichas, bombas e foguetes etc... Passados alguns minutos, já se ouvia a estalar. Os mais saltões foram buscar a carroça de um varal e toca a acarretarem lenha para a fogueira, era vê-los alegres e contentes a procurarem a carroça. Tudo saltava de alegria. Os batatas também deitaram o seu fogo de vista, era interessante ouvi-los dizer uns para os outros: «Ó Rui, o meu foi mais bonito que o teu». Vinha outro que dizia: «Olha que lindo é este!» Assim estiveram entretidos até à meia noite.

— Nós também fomos ao Coliseu. O Diogo em representação do Lar de Lisboa, o Luisito de 7 anos e o Amália foram falar e cantar pela nossa casa. O Luís disse que ia ali em representação de todos nós desta casa, e que era servente da mesa dos senhores, ajudava à missa do senhor Padre Adriano o que é, é que não podia com o missal. No final... o que é que os senhores pensam, os homens não se medem aos palmos. Se não ficamos como primeiros, ficamos em segundos. Eu também fui com o Lopes. Ficamos n'uito contentes, em termos visto o que nunca vimos. Tanto na viagem, como lá em casa, ficamos n'uito satisfeitos. Não podia ser melhor.

— No dia 5 do corrente, o senhor Padre Baptista veio cá celebrar na nossa igreja, a sua segunda missa. Há muito que este senhor padre é nosso amigo. Ia sempre para as colúmbias de férias e já pediu ao senhor Cardeal para vir para a Obra. E nós bem precisávamos. Como o senhor Padre-Engenheiro vai ajudar o Pai Américo que é o que mais precisa, fica cá outra vez sózinho o senhor Padre Adriano. E agora temos o Lar de Lisboa e as Colónias de Férias na Ericeira e nem temos quem nos confesse. Necessitamos muito de fatos de banho. Desde já agradecemos muito.

Património dos Pobres

(Continuação da 1.ª página)

uma dúzia de casas. Agora menos porque podemos dar pouco. Que o Governo nos dê um cheirinho e nós voltamos num instante à primeira forma.

A Casa do Trigo é soberbamente situada. Ela domina toda a região de Loures, — e que linda! Padre Adriano pôs nela todo o seu gosto. É a Casa do Trigo. Que pena no Alentejo não as saberem fazer! Ali perto entregou mais duas aquele meu companheiro. Era um terreno abandonado. Uma negra. Ele vai e mede e manda abrir caboucos e eleva paredes, põe a telha, escolhe duas famílias da marca e entrega. Ninguém apareceu. Ninguém ouviu. Compreende-se. O que importa é fazer depressa e entregar depressa. As cerimónias não têm aqui lugar e vai fazer mais casas o Padre Adriano.

Uma das habitantes destas casas que digo, estava na sua toca quando foi avisada. Tinha sobre a mesa uma peça de roupa que na maré brunia. Consumiu o carvão todo sem acabar a tarefa. Vai, enche de novo o ferro e continua a brunir. Queimou o carvão e não bruniu coisa nenhuma. Compreen-

— Já foram a exame 18 rapazes da terceira classe. Os da quarta estão com dores de barriga. São 10 que este ano talvez passem a pronto.

Joaquim A. Gouveia Marques

MIRANDA DO CORVO Venho novamente dar-vos notícias desta casa, e começo por vos lembrar que a nossa conferência está um pouco esquecida pelos leitores. Por isso aqui deixo este aviso, e espero que nos mandeis alguns donativos.

— Nós andamos agora muito atarefados a fazer blocos a fim de murarmos uma quinta que há pouco adquirimos. Ainda temos poucos mas com o tempo esperamos fazer perto de 3.000. Fazendo nós os blocos poupamos muito, porque só compramos o cimento. A pedra e a areia apanhamo-la no rio. O trabalho é todo feito por nós. Se algum dos leitores nos quiser mandar algum saco de cimento, desde já agradecemos.

— Os nossos rapazes da terceira classe já fizeram o seu exame e ficaram aprovados. Os que fizeram o exame foram os seguintes: Botão, Lisboa, Zé da Lenha, Enguiço, Lã Branca e Carriço.

— O nosso campeonato continua cada vez mais animado, e nesta segunda volta ambos os resultados nos foram favoráveis. Em futebol vencemos por 2-0. O nosso grupo que entrou em campo com uma vontade férrea de vencer e também de desfazer a má impressão que tinha deixado no desafio anterior, começou logo a dominar o adversário e acabou por merecer a vitória. E diga-se de passagem, que se os nossos avançados tivessem a pontaria afinada podiam chegar à meia dúzia. Marcaram os golos Peão e Manuel Ferreira. No nosso grupo todos jogaram de igual para igual. No lar, Machado e Afonso, este pelo seu apego à luta merece referência especial. Em aquele em campo vencemos por 5-2. Os rapazes do lar não estão à altura de nos vencerem.

— Entrou mais um rapaz para a nossa casa e quem foi posto o nome de Nossa Senhora. Num dia em que andava à erva mais os batatas, um destes roubou-lha e quando ele veio a dar por falta dela ouvi esta conversa:

— O coisa tu roubaste-me a erva.
— Esta erva não era tua.
O Nossa Senhora saiu-se com esta: Pergunta a esta ovelha se não fui eu que a apanhei.

— E agora quero pedir-vos um favor. O nosso campeonato ainda não está no meio e a bola já está rota. Por isso aqui deixo este apelo e espero que não falteis com ela. A direcção já todos vós a sabeis mas se algum

leitor ainda a não souber ela aqui fica. Casa do Gaiato, Miranda do Corvo.

Crisanto

A venda do «Famoso»

NA MURTOSA

Queridos leitores, mais uma vez venho dar notícias desta amigável Terra. Antes de mais nada venho falar da missa nova no passado dia 4 do Exm.º Snr. Padre Joel de Deus de Oliveira. Quando ia a caminho da Igreja para celebrar a sua primeira missa ia com um ar de riso, agora pergunto: porque é que ia com um ar de riso? Porque sabia que ia falar com Deus, por isso tinha razão de ir com um ar de riso. No fim da sua primeira missa deu as suas mãos a beijar e como ele estava contente... Estou muito contente porque é mais um Padre da linda Vila da Murtosa que se vai lançar por essas Terras fora pregar a doutrina de C. isto. Dou os meus sinceros parabéns ao Exm.º Snr. Padre Joel.

— Também venho falar da ida do nosso Pai Américo, à Murtosa. Vai no dia 25. Eu também vou fazer um discurso e o Pai Américo outro. Espero que fique repleta como deve ficar, porque Murtosa é sempre Murtosa. Também espero por esses brasileiros que são da Murtosa ou sem ser da Murtosa, na casa de espectáculos.

Amadeu da Silva Récto

AGORA

Aqui vai a multidão dos esmagados da vida. Quem havia de dizer que são justamente estes os responsáveis pelos abrigos dos Pobres! Os que não têm casa sua nem podem alimentar esperanças de vir um dia a possuí-la; funcionários, trabalhadores e criadas de servir. São os tostões desta classe de heróis. Deixem passar. Primeiramente vão os Funcionários do Instituto Nacional de Trabalho, Lisboa, que já vão em 4.100\$00. A seguir vão os Empregados do Banco Aliança do Porto com 8.140\$00. Os Ferroviários de Vila Real mandam mais uma prestação de 200\$00. Ao pé vai alguém com 20\$00. E. F. de Lisboa leva 500\$ e vem muitas vezes. As Marias de Portugal vão aqui com 50\$00. Da Avenida Casal Ribeiro, vai alguém com 500\$. Arrumem-se que vem lá Peniche com 100\$. A Maria Alentejana, pôs 500\$ no Banco e não quer ir na procissão. Mais 173\$ da Conservatória do Registo Predial. Mais Espinho com 100\$ de M. B. F. Mais 140\$ de Mãe e Filho.

Vai aqui o do costumê que deixa de fumar e manda 20\$. É do Porto. Outra vez o Porto. Afastem-se. Deixem passar:

«Aí vão 50\$00 para o «Património dos Pobres» que considero a obra mais simpática e mais urgente de quantas existem hoje em Portugal e no mundo. É pouco, bem sei, mas deve bastar para exprimir o entusiasmo que essa obra em mim despertou, pois, como não me chega o que ganho, tive de os arranjar por meio de viagens a pé e de outras pequenas economias. E continuo. Quando tiver outros cinquenta, seguirão logo».

Que beleza! Grande conceito! A carta é grande; muito grande e muito cheia. Assina-se um entusiástico leitor do Famoso. E torna. Aos pouquinhos, sim, mas torna, mesmo que para isso tenha de andar a pé! Nunca tão depressa. Nunca tão firme. E que dizer da suprema alegria enquanto vai caminhando?

Colabore na «Campanha de Assinaturas», angariando novos assinantes.